

O vagamundo

Houve, uma vez, uma mulher que tinha um filho, o qual desejava, imensamente, viajar e conhecer o mundo. A mãe, porém, disse-lhe:

- Como podes viajar? Somos pobres e não temos dinheiro algum que possas levar.

O filho insistiu, dizendo:

- Eu me arrumarei. Vou dizendo sempre: "não muito, não muito, não muito."

Assim, despedindo-se da mãe, foi-se embora, Perambulou durante algum tempo, dizendo sempre: "não muito, não muito, não muito."

Um belo dia, encontrou um grupo de pescadores ocupados no trabalho. Aproximou-se deles para ver o que faziam e disse:

- Deus vos ajude! não muito, não muito, não muito.

- Por que dizes "não muito," seu patife?

Os pescadores puxaram as redes neste instante e viram que nada tinham pescado. Então, furiosos, surraram valentemente o rapaz, ao mesmo tempo que diziam:

- Nunca viste como se debulham espigas?

- Que devo dizer então? - perguntou o coitado do rapaz.

- Deves dizer: pega bastante pega bastante!

Ele continuou a perambular mais algum tempo sempre repetindo: "pega bastante, pega bastante"; e assim aconteceu-lhe passar junto de uma forca, justamente no momento em que estavam enforcando um malfeitor. Parou para olhar e disse:

- Bom dia! Pega bastante pega bastante!

- O quê! por que dizes isso: "pega bastante pega bastante," seu malandro? Então já não chegam os patifes que existem no mundo; queres mais?

E agarrando-o, deram-lhe uma tremenda surra.

- Ai, ai! Que devo dizer então? - choramingou o pobre rapaz.

- Deves dizer sempre: Deus tenha piedade de sua pobre alma!

O rapaz prosseguiu o caminho e ia repetindo: "Deus tenha piedade de sua pobre alma, Deus tenha piedade de sua pobre alma!" e chegou a um valo onde um homem acabava de matar um cavalo. O rapaz ficou olhando e depois disse:

- Bom dia! Deus tenha piedade de sua pobre alma! Deus tenha piedade de sua pobre alma!

- Que é que estás dizendo aí seu maroto? - e, pegando

no chicote, bateu-lhe tanto que o deixou cair atordoado no chão.

- Mas que devo dizer então? - perguntou o infeliz.

- Ora, deves dizer: tomara que caias num valo, carniça! Ele foi para diante; ia andando e repetia: "tomara que caias num valo, carniça!"

Nisso passou um carro cheio de gente; olhando para ele, disse mui seriamente:

- Bom dia. Tomara que caias num valo, carniça!

E o carro, subitamente, caiu dentro de um valo fundo, com gente e tudo. Então o carroceiro pegou no chicote e espancou, impiedosamente, o pobre rapaz, até vê-lo escorrendo sangue e caído no chão.

Em vista disso, o coitado não viu outra solução se não voltar para a casa de sua mãe. E, nunca mais, durante toda a sua vida, teve vontade de viajar.

* * *